

**A DIVERSIDADE CULTURAL PRESENTE DENTRO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR:  
UM OLHAR SOBRE O RECONHECIMENTO DO INDIVÍDUO  
POR MEIO DO MULTICULTURALISMO**

Sandy da Rocha Locatelli (UEL)

**RESUMO:** O estudo a seguir propõe uma análise das diversas realidades socioculturais presentes em alunos de ensino fundamental II em uma escola pública de Londrina (PR), e como a instituição escolar influencia nesse desenvolvimento do indivíduo social. No decorrer do estágio no Programa Residência Pedagógica, como uma docente em formação, foi observado o modelo de estratégias educacionais utilizado, tanto pela professora preceptora quanto pela gestão escolar, com base nos estudos de Ongaro, Bolzan e Wisch (2018) e Maia e Silva (2019), que refletem sobre a importância dessas diversidades de experiências sociais e consideram ser imprescindível ao ambiente escolar saber como utilizar diferentes metodologias para a valorização educacional e social deste sujeito. O estudo proporcionou como resultado uma diversidade de experiências educacionais, promovendo a valorização do multiculturalismo dentro do ensino, mostrando que, mesmo com os desafios, é um mecanismo de ensino importante para a formação de um indivíduo inserido em uma sociedade plural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Residência pedagógica; multiculturalismo; estudante.

## **Introdução**

O estágio foi desenvolvido através do Programa Residência Pedagógica no 4º ano do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL) em uma escola estadual. Nesse colégio atuei como estagiária no ensino fundamental II em duas turmas de sexto e sétimo ano e, no decorrer desse período, foi possível observar como a instituição desenvolve um relacionamento de proximidade, tanto com os professores quanto com os alunos, valorizando suas diferentes vivências e, a partir disso, aperfeiçoando um contínuo de metodologias educacionais com pretensões de desenvolvimento do estudante e do indivíduo socialmente pertencente.

Esse modo da instituição escolar se relacionar com os seus colaboradores e estudantes colidiu com os inúmeros discursos e documentos de pesquisas que os professores utilizaram ao decorrer da minha formação quanto uma docente. Esse método educacional corresponde a algo mencionado por Paulo Freire (1967, p.97): “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir

à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Por diversas vezes, aprendemos dentro das aulas de Metodologia e Ensino que a instituição escolar, os colaboradores, os docentes e alunos precisam desenvolver um relacionamento de confiança para que possibilite o debate de assuntos presentes na sociedade e, desta maneira, traçar um mesmo objetivo: formar um sujeito socialmente apto para conviver e se aprimorar no âmbito social que desejar. E foi essa à prática em que estive inserida dentro desta preparação para a docência.

A escola é o espaço onde os alunos se deparam com uma diversidade de condições sociais e culturais e por meio delas conseguem se desenvolverem como sujeitos socialmente inserido, se colocando como um mediador da realidade em que a escola está sujeita. Durante o período do estágio foi perceptível essas interações dentro das aulas com a professora responsável, que colocava em prática algo mencionado por Freire (1996, p.25): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A professora conduzia as aulas, instigando os alunos a pensarem sobre a resolução de uma questão textual, utilizando acontecimentos do cotidiano ou algo que os aproximasse do conteúdo abordado de algum modo. Essa maneira lúdica de ministrar uma aula era possível porque a docente permitia que os alunos desenvolvessem essa relação de companheirismo com ela e a curiosidade pelo material a ser trabalho em sala. A equipe gestora da escola permitia essa postura do professor, atuando como parceira e desenvolvendo um diálogo que possibilitava ao docente autonomia dentro dos prazos de entrega.

Por fim, ao desenvolver os planos de aula (teoria) e elaborar a forma como relacionaria os alunos ao conteúdo proposto (didática), priorizei a manutenção dessas relações emocionais que instiguei ao decorrer dos momentos de observação nas aulas ministradas pela professora preceptora, sempre dialogando com o tema proposto para cada regência.

## **1 Desenvolvimento**

As primeiras aulas em que observei, estava sendo trabalho o conto “Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, que retrata a história de uma moça que vivia sozinha e passava os dias trabalhando em um tear, mas era feliz. Com o decorrer do tempo, ela sente necessidade de ter um marido. No entanto, depois que o homem descobriu o poder do tear, passou a explorar o seu trabalho.

Neste sentido, a professora, ao apresentar o conto, manuseou uma discussão sobre os elementos principais da narrativa, tais como: tear, o marido, a moça, a magia. Desenvolvendo uma conversa com os alunos, o que fez com que eles se animassem com a história, desencadeando uma série de reflexões acerca da proximidade entre conto e vivência de cada um. A magia que pertencia a narrativa foi um mecanismo reinterpretado pela professora para o desenvolvimento de uma atividade voltada a escrita criativa dos alunos, modificando a proposta para a possibilidade de execução das duas turmas. A proposta para o sexto ano foi o desenvolvimento de uma mudança de gênero textual transformando o conto em uma História em Quadrinho (HQ). E para o sétimo ano, seria o desenvolvimento de um novo conto, tendo como obrigatoriedade ser em primeira pessoa do discurso e narrado por um dos personagens ou objetos presentes, ou seja, a história seria a mesma, mas teria uma mudança na forma de ser contado e em como se daria os acontecimentos.

Os primeiros momentos dessas produções ocorreram dentro de sala de aula e foi visível a animação dos alunos com o processo da atividade, que se desenrolava com base, na maioria das vezes, nas suas próprias vivências e relações com suas avós com as máquinas de tear, algo que era estimulado pela professora. Essa experiência corresponde a algo mencionado por Ongaro, D. et al. (2018, p.10):

Em suas singularidades, essas crianças, com suas aprendizagens, trazem para dentro do espaço/tempo escolar suas vivências, suas formas de ver, pensar, sentir e agir no mundo. São elas que, ao conviverem dentro dos muros escolares, dão vida e sentido à escola.

Os alunos, de alguma maneira, vão buscar uma relação com suas experiências familiares para conseguirem compreender o material abordado dentro de sala de aula, sendo de suma importância o professor desenvolver e estimular esses diálogos para que atividade seja um processo de aprendizagem facilitado e instrutivo, valorizando a singularidade do sujeito, como ressalta Ongaro, D. et al. (2018, p.11): “a organização da vida e realidade escolar dos anos iniciais do ensino fundamental precisa ser pensada de modo a valorizar os sujeitos e suas culturas.”

Os resultados desses trabalhos foram, extremamente, satisfatórios. Os alunos superaram as expectativas, desenvolvendo a narrativa de modos singulares, partindo do pressuposto da história originária e criando um desdobramento diferente.

A primeira regência que ministrei, na turma de sexto ano, foi desenvolvido um plano de aula sobre poesia para alunos. A proposta era abordar a poesia de uma maneira próxima ao que eles vivenciavam no seu cotidiano, para isso, foi selecionado o livro *Utopia*, de Paulo Gabriel (2000), que contém diversas poesias com teor social, abordando diferentes temas, como violências, pobreza, rede familiar, amizade, liberdade etc. Para o desenvolvimento da aula, foi selecionado quatro poesias que abordavam diferentes temas para serem discutidos em sala. A conversa sobre cada poesia desenvolveu diferentes diálogos de identificação sobre as próprias experiências familiares. Por fim, foi exposto um papel de cartolina com o título de uma poesia presente no livro, para que fosse possível uma dinâmica de reescrita da poesia a partir de estrofes destacadas e, ao final, uma análise e comparativo com a poesia original.

O desenvolvimento dessa atividade resultou em um diálogo abrangente sobre as questões que relacionam o título ao texto e algo que também foi pauta de discussão é se o título continuou suprimindo as necessidades do poema, mesmo que tenhamos alterado a ordem de produção. Além das terminologias presentes nas características do gênero, foi desenvolvido uma análise e debates para que fosse criado um diálogo abordando diferentes questões sociais, com o intuito do aluno se sentir visível e compreendido pelos outros colegas e docente, possibilitando que seja possível colocar em pauta algo mencionado por Maia e Silva (2019, p. 212), no qual “o papel da escola não se restringe somente aos processos formais de acesso ao conhecimento, mas abrange também a formação pessoal, social e o mundo do trabalho.”

A multiculturalidade é a busca pelo respeito e valorização das diferenças, seja em espaços sociais mais amplos ou nos espaços educacionais, deve se desenvolver através de debates e conhecimento sobre novas realidades. É dentro da sala de aula, ou da instituição escolar, que é possível proporcionar um debate através de análises de textos literários, estando na aula de Língua Portuguesa, por exemplo. Esse movimento foi promovido dentro da aula através dos textos poéticos, possibilitando uma conversa sobre o poema, e a partir disso, o desenvolvimento de um diálogo das próprias singularidades do aluno.

Essa comunicação com o estudante é um desafio que precisa ser enfrentado e desenvolvido, visto que a escola é um lugar plural, se tornando o encontro de diferentes realidades em um único ambiente. Portanto,

Diante disso, é necessário que os profissionais da educação considerem o desafio de lidar não apenas com a cultura relacionada aos valores e costumes

peçoais, mas também com uma leitura de cultura que compreende os conhecimentos e as experiências cotidianas que os alunos trazem de suas realidades sociais e afetam diretamente as relações que se desenvolvem no espaço da comunidade escolar. (Maia e Silva, 2019, p. 213)

Após o resultado satisfatório da primeira regência, optei por continuar a desenvolver essa relação próxima com os alunos durante as aulas de observação, espelhando-me na maneira como a professora preceptora se colocava acessível a todos os alunos. Em uma aula de observação, a docente trabalhou com a exibição de um curta-metragem espanhol de 2009, intitulado *Alma*, de Rodrigo Blaas, que conta a história de uma criança que passa pela vitrine de uma loja de bonecas encantadoras e, se sentindo instigada a entrar, acaba ficando presa em um mundo fantasioso. Este curta-metragem tem objetivo de causar medo e curiosidade, mantendo diversas pistas do que pode estar ocorrendo durante a narrativa e deixando o final aberto, possibilitando diversas interpretações. A docente reproduziu esse curta duas vezes e passou as instruções da atividade, que consistia no desenvolvimento de uma notícia com base nos acontecimentos reproduzidos, seria opcional de cada estudante relatar um desfecho para a história.

Os estudantes, novamente, ficaram instigados com a atividade, cada um desenvolvendo uma notícia com perspectivas opostas e desejando comentar isso com a turma. Quando essas discussões ocorriam, a professora estimulava fazendo perguntas sobre como eles tiveram as ideias ou como iriam desenvolvê-las, para que os alunos tivessem um repertório para a elaboração da ideia. A docente valorizava essa troca de ideias em sala, antes da produção da redação, mostrando aos alunos que todos tinham importância e deveriam ser ouvidos e validados. O resultado das redações surpreendeu pela qualidade do que foi entregue e, também, pela criatividade e seguimento das terminologias exigidas no gênero textual notícia, se atentando a descrição do tempo, lugar e como ocorreram os fatos e, nas notícias que possuíam resolução do ocorrido, relataram de forma coesa como foi o desfecho.

O tema da próxima regência, para os alunos do sexto ano, era sobre Contos Misteriosos. O conto selecionado foi *Perseguição* (2003), de Paulo André, que narra a história de um homem que está voltando do seu trabalho, no meio da madrugada, e que quando percebe que está sendo seguido por algo, começa a correr, mas ao chegar em casa, descobre que seus pais trancaram a porta, o que lhe causa ainda mais desespero. O conto é curto, mas provoca suspense desde o começo, para no final o leitor descobrir que tudo o que aconteceu

era apenas um sonho do personagem. Antes de ocorrer a leitura em sala, foi proposto uma conversa sobre o título do conto, instigando os alunos a pensarem no porquê o autor escolheu esse título, o que podemos esperar da história com apenas com essa informação e se eles já tinham se sentido perseguidos por algo/alguém. Essas colocações proporcionaram conversas interessantes e que de algum modo dialogavam com o conto que estava sendo proposto. Após a conversa, foi iniciado a leitura com a participação dos alunos para que fosse possível realizar uma análise do que estava sendo contado e rememorar aquela primeira conversa sobre o título do conto.

As interpretações do conto, por parte dos alunos, sempre vinham com alguma recordação de momentos em que se sentiram perseguidos ou dos sonhos que eram vividos e lhes causavam medo. Após essas análises, os alunos responderam perguntas específicas do gênero conto e foi proposto uma reescrita do final da narrativa, sendo um critério que o suspense fosse mantido, e opcional revelar ao leitor se tinha mesmo algo perseguindo o personagem e o que era. O resultado dessa atividade, tanto na recapitulação das terminologias quanto na reescrita do final do conto, foram satisfatórias.

A seguinte proposta, para alunos do sexto ano, foi de uma produção de uma narrativa ficcional. A ideia era uma retomada de conceitos para a produção de uma história, abordando duas estruturas diferentes sendo HQs e contos.

A aula iniciou com a explicação da proposta de atividade que seria desenvolvida em dois momentos, na primeira etapa, os alunos receberam uma folha com seis quadrados contendo personagens em alguns, paisagens em outros e alguns em branco. Os alunos deveriam criar uma história com base no que cada quadrinho continha, mas era necessária uma sequência de fatos, contendo o início, meio e fim; na segunda etapa, os alunos receberam uma outra folha, na qual teriam que desenvolver um conto com base na história em quadrinhos, fazendo as alterações necessárias para a elaboração da narrativa.

No final da explicação da atividade proposta, os alunos tiram suas dúvidas e, ao receberem a primeira folha, iniciaram um diálogo do que poderia ser realizado ou trouxeram alguma experiência de leitor e familiar do que aquelas imagens, que preenchiam alguns quadrinhos, os recordavam. As HQs apresentadas possuíram resultados diferentes umas das outras, trazendo recordações próprias ou uma criação de mundo ficcional para a história. O processo de transformação da história em quadrinhos para um conto foi mais demorado, os

alunos sentiram uma maior dificuldade em conseguir descrever a ambientação e como se deram os acontecimentos narrados, mas, com o decorrer da aula, eles conseguiram desenvolver as duas propostas de gênero textual.

### **Considerações finais**

A experiência no Programa Residência Pedagógica no curso de Letras-Português permitiu colocar em prática os estudos e metodologias com as quais estudei ao decorrer do curso de licenciatura. E o contato com uma instituição escolar e uma preceptora que buscam, dentro do que é oferecido, evidenciar esse estudante e possibilitar que ele se sinta devidamente pertencente, com todas as suas singularidades e experiências, proporciona uma nova oportunidade de conhecimento. O estágio promoveu uma experimentação e aprendizagem de como a educação deve ou não acontecer dentro da escola, formando um indivíduo socialmente pertencente e instruído academicamente.

No final, é possível considerar que todo o percurso agregou e reafirmou a escolha pela docência, buscando, a todo momento, revisar e criticar os meus posicionamentos e metodologias de ensino dentro de uma sala de aula e na comunidade escolar, para que o ensino se adeque ao estudante servindo para que ele se sinta integrado e relevante para o aprendizado que está sendo proposto.

### **REFERÊNCIAS**

ALMA. Rodrigo Blaas; Cecile Hokes. Espanha: Pixar, 2009. Vídeo (5min30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mJzUfmVWcLM>

BOLZAN, Doris Pires Vargas; ONGARO, Daniela Dal; WISCH, Tasia Fernanda. A organização da vida e da realidade escolar: olhares sob a perspectiva das experiências socioculturais. **Regae** - Revista de Gestão e Avaliação Educacional, Santa Maria, v. 7, n. 15, p. 9-24, 2018. Universidade Federal de Santa Maria.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Paulo. **Utopia**. Textos de Paulo Gabriel; fotos Agenor Chiarinelli. Belo Horizonte: Santa Clara, 2000.

GOMES, Paulo André T. M. **Perseguição**. 2003.

REGO MAIA, A. P.; MOREIRA DA SILVA, C. N. Educação escolar e multiculturalismo: lendo e refletindo realidades sociais na sala de aula. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**, v. 6, n. 11, p. 200-216, 2019.